

Reseñas

Hugh Raffles (2002). *In Amazonia: a natural history*. Princeton: Princeton University Press.

JOÃO PAULO LOPES DA CUNHA, Universidade de Brasília. Mestre em geociências aplicadas, especialista em geoprocessamento ambiental e biociências forenses. jpildacunha@gmail.com

Em sinopse, as entrelinhas do livro possibilitam organizar a real atividade humana e não-humana durante a mudança da história e o curso do desenvolvimento amazônico. De modo geral, a obra literária descreve como ao longo de séculos a vida e a interação com os rios e florestas foram capazes de remodelar o local de forma integrada e muitas vezes imperceptível. Em suas entrevistas e histórias narradas por nativos da região, o autor aborda os períodos de riqueza, declínio, conflitos e emigração, dando ênfase ao processo criativo e como todo esse processo concede vida ao ambiente de forma única e não reproduzida ou reprodutível. Raffles repetidamente aproxima as interações entre exploradores e ecologia amazônica, que necessariamente implica em proximidade física, é claro, mas também a emocional.

A intimidade, diz ele, é “a marca de uma relação vivida entre seres humanos e a natureza, uma expressão de biografia - da política amarrada nas vidas de pessoas e paisagens.” (p. 182, tradução literal minha). Ruffles retoma a ideia de que o homem cria impactos diretos a natureza, onde o ambiente natural resiste a esses impactos, criando uma identidade distinta para cada ocupação, seja ela colonizadora, exploratória, imigratória ou apenas uma ocupação de sobrevivência dos povos indígenas. O autor traz relatos importantes sobre as obras de Raleigh e Bates, ingleses bastante conhecidos no que tange os relatos sobre a Amazônia e sua verdadeira história natural. Há de se salientar que no livro de Raffles, embora tenha como subtítulo “a natural history” não traz, como se espera, conceitos e abrangências da história natural da região, mas as histórias da natureza local da Amazônia e do ambiente habitável, existindo uma semelhança na demonstração objetiva do ambiente e do verdadeiro homem que vive ali.

A Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM), em busca de minérios no interior da Amazônia, modificou imagens naturais do Rio Guariba e do Igarapé Guariba, considerado tesouros pelo autor, uma vez que mostraram riquezas até então não perceptíveis por indivíduos fora do contexto da Amazônia. Meados de 1970, o autor se deparou com uma ironia, além de sua sensibilidade, os gerais estavam forçando incursões convulsivas em suas províncias do norte, eliminando a resistência indígena e camponesa, criando

fortunas, caos e desespero. Algo era notório, a vontade frenética de encontrar tesouros relatados pelos colonizadores em décadas anteriores.

Nessa perspectiva, empresas públicas e público-privadas, além da CPRM, incentivaram a exploração da região, assim como abrange os órgãos de fiscalização e controle e legislação atual, mencionando de forma superficial seus avanços. É notório a influência do estado em incentivar projetos absurdos de 'colonização' em ambientes desconhecidos, alegando domínio do território e controle espacial como foi o caos chamado Madeira Mamoré. Explorações eram vistas como meios do governo prosperar em local inóspito, inabitável com moradores 'sem cultura', onde, esta ideia foi propagada por vários anos durante o regime militar expandindo-se até as décadas atuais conforme relatado pelo autor.

Palavras nativas muitas das vezes não possuem tradução direta, sendo necessário descrever uma narrativa para o entendimento, onde, esta articulação interpretativa de traduções amplas é comentada. O autor comenta diversas palavras que muito das vezes eram expostas em diferentes significados por nativos, dando a entender que o nativo utilizava de artimanhas na linguagem para iludir o explorador.

Um relato valioso é o de Octávio da Gama, o ex-minerador cuja draga comeu as ilhas de Marajó. No diálogo são comentadas varios acontecimentos e detalhes da noite de Macapá onde o mesmo descreve que Macapá é uma cidade de festa para alguns, e um clube de dança marca a linha do equador, contudo, sob o calor do verão implacável, tudo é plano, empoeirado de vermelho e sem espinhas, e o frondoso pátio de Octávio foi um bom alívio. Tal relato é direcionado para entender que a exploração provinda de impactos ambientais e devastações sempre tinha uma ideia de beleza final, mesmo que o ambiente fica-se devastado a idêntia do explorador sempre era de prosperar e ir embora.

O autor sempre retorna as ideias de Bates, onde as formações intelectuais e filosóficas, intituladas organização não governamental (ONG), ilustram e publicam internacionalmente as atividades do governo federal brasileiro e das empresa madeireira, monitorando o crescimento de mogno nativo da região em áreas de proteção. O mogno é uma madeira nobre, de origem tropical com coloração castanho-avermelhada, grão fino, grande dureza e elevada densidade ($>0,63 \text{ g/cm}^3$) provenientes de árvores da família das *Meliaceae*. O autor detalha tecnicamente o mogno e outras madeiras nativas. O detalhamento é exclusivamente técnico, onde Raffles descreve termos descritos por biólogos e outros entrevistados, dando valor ao material natural.

Essas madeiras são fáceis de trabalhar, duradouras e muito resistentes à compressão e torção, características que as tornam muito procuradas para marcenaria, entalhes, decoração e para acabamentos de interior de imóveis. Por apresentarem baixa velocidade de transmissão do som, também são usadas

para fazer instrumentos musicais. O autor usa das próprias características físicas do mogno para falar da história política da região, valendo-se da lentidão no seu progresso e da escassez inevitável que foi gerada pela exploração não pensativa. O autor comenta sobre a “descoberta” de uma ilha de planície de inundação, perto da cidade de Macapá (Amapá), de um grupo de pessoas que reconstruiu um rio de forma artificial, alterando seu fluxo. Os aldeões, sob as ordens do chefe local, cavaram um pequeno canal e cortaram outros canais usando ferramentas simples fabricadas no local. Ao longo de vários anos, eles conseguiram melhorar o acesso ao interior e à floresta para melhor escoamento de alimentos, representando uma mudança no ambiente local, de forma adaptável e não agressiva aos olhos críticos.

Sem muitos esforços o autor ilustra a dificuldade de um mogno crescer, reproduzir e ser utilizado por nativos, onde o mesmo mogno era extraído e levado para outros continentes. Ambos, aldeões e exploradores, modificam o ambiente natural, contudo o usufruto nem sempre é do utilizador nativo. Mudanças importantes na disposição do rio e floresta foram sendo feitas durante a exploração aurífera, de minérios diversos, na exploração da madeira e na produção de grandes áreas de pastagens. Alterações anatômicas de cursos hídricos, em uma construção e simbologia antropológica complexa, foram muitas vezes feitas por pás e picaretas e iniciaram com a população nativa brasileira naquela região e foi dando prosseguimento à medida que as necessidades surgiam com a presença do explorador.

A Amazônia é um local, não só de diversidade natural, mas de natureza antropológica complexa que só poderá ser desvendada se houver a busca pelo conhecimento em seu próprio ambiente, de forma aprofundada e entremeada à vida indígena. Os fatos relatados são repetidos pelos exploradores, contudo o autor sempre retorna a idéia de que a cultura local era rica em conhecimento, onde os que pensavam que eram errados estavam certos (aldeões), conseqüentemente os que devastavam em pensamento certo eram os errados (exploradores).

Parece-me, como leitor, que Raffles busca a todo o momento no livro desconstruir a idéia de que a Amazônia é um ser inerte. Ele evidencia ao longo de seus sete capítulos que há mais que vida animal e vegetal em homeostasia no local. Em diversos trechos Raffles descreve tecnicamente produtos vegetais e animais que eram utilizados pelos nativos e que passaram a serem utilizados por exploradores até a escassez líquida. Com a leitura tem-se a idéia clara de que local possui história e conhecimento densificado, desenvolvimento, cultura e diversos outros elementos em um emaranhado antropológico rico, pouco explorado de forma adequada e construtiva e que muito é importante para a construção do conhecimento e entendimento sobre a história da humanidade.

Raffles tentou apresentar uma visão diferenciada da Amazônia, onde de forma poética resumiu a ação de convívio com o ambiente, onde através da ação

humana e não humana o ambiente replica em sua forma física a radiografia histórica das ações que foram inseridas naquele local. Desta forma o autor tece uma história fascinante que muda a compreensão desta região e desafia o leitor repensar o que seria o significado “natureza” – algo natural nunca tocado ou algo modificado em harmonia, que contribuiu para a modificação natural do local. Seja do mogno ou do minério, dos rios desviados por necessidade ou das mineradoras desviadas por ilusão, as alterações naturais podem ser harmônicas, mesmo exploratórias o ambiente se torna ‘normalizado’. Contudo devemos julgar se o normalizado é algo natural do ambiente ou provocado pela insignificância dos não nativos.

Megan Raby (2017). *American Tropics. The Caribbean Roots of Biodiversity Science*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

GERMÁN PALACIO C., Profesor Titular, Universidad Nacional de Colombia-Sede Amazonia. galpalaciog@unal.edu.co

Pocas palabras definen mejor una característica central de la Amazonia contemporánea, y esa es “Biodiversidad”. La profesora de la Universidad de Texas-Austin, Megan Raby, indaga sobre las raíces de la ciencia asociada a la biodiversidad, la cual debe ser referida a renombrados biólogos de los Estados Unidos que hicieron una carrera en el neotrópico, particularmente vinculados al Gran Caribe. Si las primeras asociaciones científicas, programas universitarios y revistas especializadas en los inicios de la diversidad biológica, sólo aparecieron hacia 1960, su origen debe ser referido a comunidades de investigación centradas en estaciones científicas, un tipo de investigación asentada en lugares específicos.

Esos biólogos que lograron posicionar el término se reunieron en septiembre de 1986 en Washington D.C. durante el “Foro Nacional sobre Biodiversidad” que, dice la autora, aunque reunía investigadores de los Estados Unidos, tenía una pretensión mundial. Entre ellos debe mencionarse a los nombres más rutilantes de la comunidad de la conservación, tales como Edward O. Wilson, Thomas Lovejoy, Paul Ehrlich, Peter Raven, Stephen Jay Gould y Michael Soulé. Los organizadores de la Conferencia acuñaron el término de “biodiversidad”. Se trataba de llamar la atención sobre que la preocupación sobre la conservación debía saltar cualitativamente del énfasis sobre lugares silvestres o especies amenazadas, hacia la vida de la Tierra misma.

Lo interesante es que una región “global” concentraba la preocupación de los asistentes y acumulaba la mayor parte de los ejemplos: los trópicos. Ellos, que cubren el 7% de la superficie de la Tierra contienen más de la mitad de